



Milton Michida/AE

Indenizações sob suspeita

Coordenadora do Itesp nega que haja valorização excessiva nos processos em SP. Pág. 20

O ESTADO DE S.PAULO

Geral

INCLUI Internacional

DOMINGO, 9 DE NOVEMBRO DE 1997

Ameaça ao peronismo

Graciela Meijide pode desbancar justicialismo na próxima eleição. Pág. 30



Xavantes contam sua história de pacificação

Índios contestam a versão oficial pela qual os brancos "amansaram" seu povo e afirmam que foram eles que pacificaram os agressores para tentar conhecer o inimigo e não desaparecer

PABLO PEREIRA

Um grupo de idosos da etnia xavante decidiu contar fora da aldeia pela primeira vez em 50 anos por que os temidos guerreiros da tribo aceitaram a aproximação com os brancos. Os índios contestam a versão oficial pela qual os brancos amansaram o povo mais arredio do cerrado, em Canarana, em Mato Grosso, no fim da década de 40. Os líderes da aldeia Pimentel Barbosa, uma das cinco áreas da Reserva do Rio das Mortes, todos com mais de 70 anos, acreditam que foram eles que pacificaram os agressores, permitindo o contato numa tática desesperada de conhecer o inimigo para não desaparecer.

Esse relato dos xavantes será apresentado em documentário, livro em língua nativa e numa exposição de desenhos e fotografias sobre a história, com lançamento programado para abril em São Paulo.

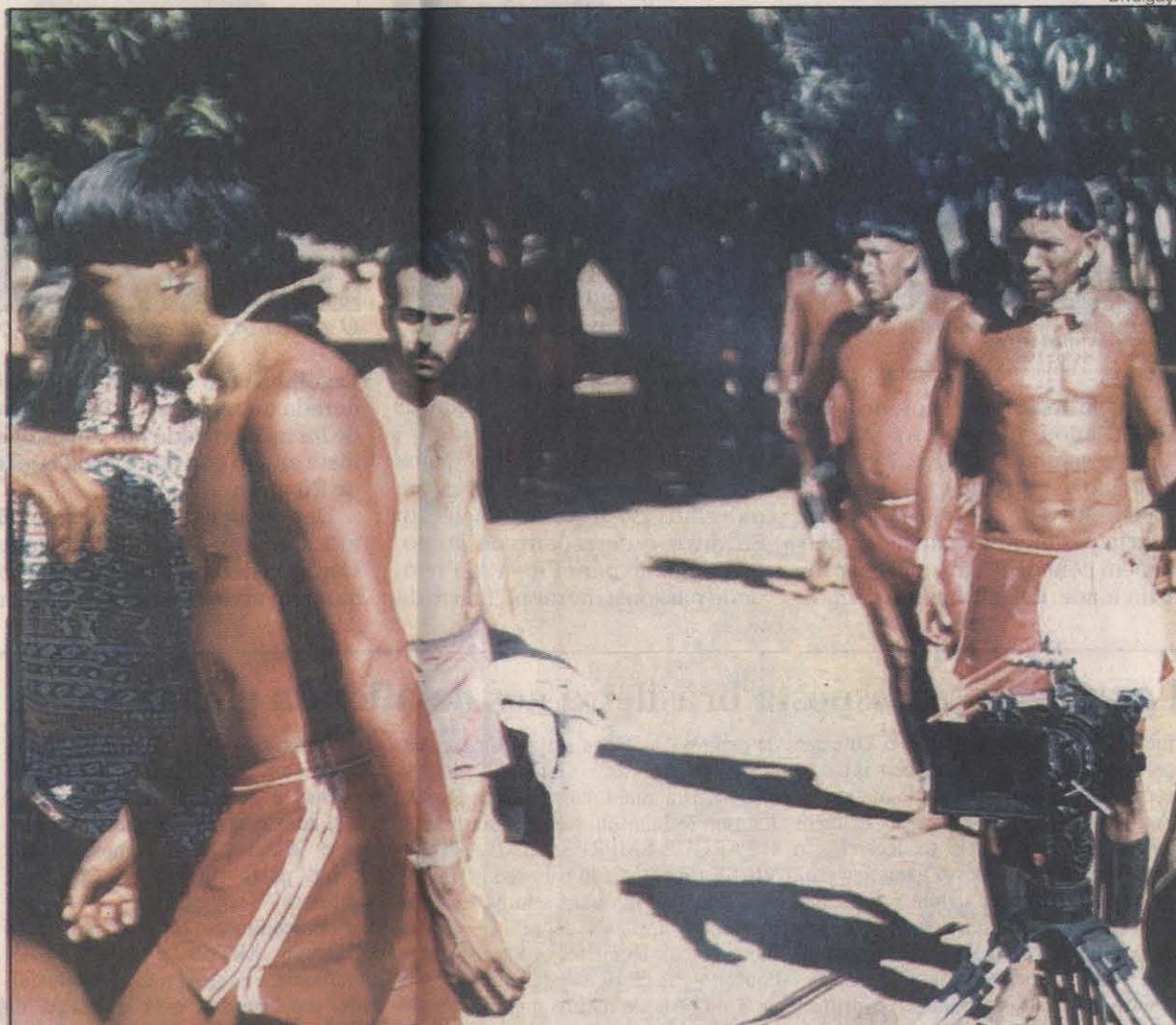
O material está em fase de finalização no Núcleo de Cultura Indígena, em São Paulo. A história contada pelo grupo vai lembrar que durante a dé-

cada de 70 os xavantes tomaram uma decisão ainda mais dramática. O evento marca o cinquentenário do contato e deve ocorrer no Parque da Independência, zona sul. O filme, dirigido por Belisário Franca e Angela M. Pappiani, está em fase de acabamento. As últimas gravações em 16 milímetros foram feitas em outubro.

"Estamos pretendendo editar também um CD-ROM", explicou Cristina M. Simões Flória, produtora-executiva do projeto. O diretor de fotografia do filme é Sylvestre Campe. O programa prevê uma instalação do artista plástico Siron Franco, que já tem as primeiras linhas do trabalho. O título da obra deverá ser *Varal do Contato*. Ele quer que a obra represente "os direitos dessa

gente". "Não sei como eles ainda são tão generosos depois de tudo o que foi feito nesses 500 anos."

Cansados de fugir do assédio e de combater sem sucesso o avanço das incursões colonizadoras durante séculos, a tribo decidiu mudar de tática. Os xavantes, últimos resistentes da ocupação do cerrado, haviam deixado Goiás, atravessado o Rio das



Filme sobre a história dos xavantes: evento marcará o cinquentenário do contato com brancos

Mortes e se refugiado na Serra do Roncador. Cercados por rivais, como os carajás e os bororos, eles desistiram da guerra por causa do sofrimento

provocado pela perseguição sistemática de outro inimigo: os brancos em busca de terras.

O chefe Apoena, que morreu num

hospital de Brasília em 1978, foi o líder que conduziu os xavantes na aproximação com a expedição Roncador-Xingu, entre os anos de 1946 e

1949, criada no governo Getúlio Vargas para expandir as fronteiras do oeste. Após o contato, a confiança nasceu da convivência entre Apoena e Meirelles. Estava iniciada uma aliança com os antigos perseguidores.

A amizade dos dois levou o sertanista a homenagear o índio pondo no filho, Apoena Meirelles, o nome do chefe xavante. Cerca de três décadas depois, entretanto, os velhos que sentaram com Francisco Meirelles permaneciam angustiados. O avanço das fazendas, os ataques de grileiros e a divisão interna em seis comunidades ameaçavam o grupo.

O destino deles seguia o mesmo caminho das estimativas acadêmicas sobre a população indígena do País. Estudiosos imaginam que o Brasil deveria ter cerca de 5 milhões de índios em 1500. Numa contagem atual, eles não passariam de 10% desse número. São cerca de 300 mil, segundo o Núcleo de Cultura Indígena.

Para não sofrer a mesma tragédia, pensaram os velhos xavantes, era preciso mudar de comportamento e empenhar-se numa missão ousada: entender a cultura dos inimigos, aprendendo como eles vivem. Essa decisão havia sido tomada pelos chefes da tribo na década de 40, quando Meirelles fez o contato oficial com os índios numa praia do Rio das Mortes.

Temendo o fantasma da extinção, assolados por doenças e com as terras sendo tomadas por invasores, os xavantes não conseguiram reverter a situação. Os velhos partiram então para uma ofensiva ainda mais arriscada: decidiram infiltrar os filhos.

■ Mais informações na pág. 18

QUESTÃO INDÍGENA

Meninos são enviados para viver com brancos

Por decisão dos anciãos, garotos xavantes trocam aldeia por cidade para estudar e aprender

PABLO PEREIRA

O índio Siridiwê Xavante, ou Jurandir, como é chamado pelos brancos, tinha 9 anos, vivia uma infância no mais puro contato com a natureza na aldeia, quando foi escolhido pelos líderes de Pimentel Barbosa para formar um grupo que deveria executar uma nova missão de sobrevivência. Havia poucos meses, Siridiwê fora separado da mãe para ser treinado para a vida adulta pelos velhos, seguindo a centenária tradição da etnia. Mas, desta vez, o garoto não aprenderia as artimanhas da caça na selva, os atalhos da força bruta nas competições ou, ainda, a truculência dos guerreiros mais respeitados no ataque a invasores.

Siridiwê foi enviado com outros oito pré-adolescentes para, na trincheira do inimigo, tentar combater a fúria dos brancos. Nas histórias ouvidas por ele da boca dos mais velhos na aldeia, eram os brancos o povo que os vinha encerrando num cerco mortal e persistente desde o início desse



Canãbre Wairi estuda em casa, em Ribeirão Preto: enfermeiro

século.

A vida de Siridiwê, hoje na faixa de 30 anos, neto de Apoena, o mais respeitado chefe xavante conhecido, é parte de uma dramática tentativa de sobreviver fora da aldeia. Os meninos xavantes não sabem com exatidão qual é a própria idade. Eles integram grupos

por faixa etária. Siridiwê tem entre 27 e 35 anos.

Salvação - Vendo nos pequenos talvez a única chance de salvação, os velhos começaram a seleção. Siridiwê, o derradeiro do grupo, foi mandado para Ribeirão Preto, onde passou a morar no bairro da



O xavante, Roberto e Vilma, casal que o recebeu: aprendizado

Lagoinha com uma família considerada amiga. A escolha da cidade foi influenciada por um indigenista amigo que morava na região de Ribeirão.

Depois dele, somente seu primo, Canãbre Wairi, foi enviado. Canãbre deixou Pimentel Barbosa aos quatro anos e hoje, com cer-

ca de 18 anos, estuda enfermagem em Ribeirão Preto e mora com uma família de brancos no bairro Jardim Manoel Pena. Ele foi criado pelo casal Roberto e Vilma de Oliveira, que quando o recebeu, tinha somente um ano de casamento.

Como os demais emissários mirins, Siridiwê e Canãbre tiveram de adaptar-se à ausência dos amigos, estudar nas escolas urbanas e aprender português. O avô guerreiro dos dois, que morreu com mais de 100 anos, negava-se a aprender o idioma dos brancos. Aparentemente a aproximação, desde que cada cultura mantivesse a identidade.

Ponte - Os garotos não decepcionaram. A tentativa desesperada dos líderes da tribo de montar uma ponte entre as duas culturas para preservar os traços ainda existentes dos xavantes produziu efeitos. Um deles, Paulo Xavante, é hoje vice-cacique. Os demais desenvolvem atividades de intercâmbio entre os dois povos na aldeia.

Descendentes de um povo que habita cerca de 60 aldeias em seis áreas diferentes na região vizinha ao Parque Nacional do Xingu, Siridiwê e os colegas sabem comunicar-se em português. Nascidos na Reserva do Rio das Mortes, que tem 320 mil hectares e orgulha-se de não ter nenhuma missão religiosa, eles incorporaram hábitos urbanos, mas conservam a indignação dos antepassados quando falam dos perigos que ameaçam os índios.

Pimentel Barbosa é uma comunidade na qual vivem cerca de 400 índios. Na década de 80, o povo xavante apresentava uma excepcional taxa anual de crescimento de 5,6%, o dobro da média nacional. Na aldeia não há missões de catequese, comuns em outras reservas xavantes, como Parabubure, em Campinápolis, e São Marcos, em Barra do Garças.

Na viagem para conhecer a cultura das cidades, Siridiwê prestou vestibular para direito, frequentou o curso por 15 dias, mas não se adaptou e desistiu. Depois, tentou geologia na Bolívia. Agüentou um ano. Sem concluir o curso, abandonou La Paz e transferiu-se para São Paulo. Hoje, transformou-se numa espécie de embaixador da tribo, encarregado da divulgação da cultura da aldeia em palestras para escolares. Siridiwê lembra com alegria da infância em Ribeirão, onde ensinava meninos da cidade a fazer flechas de caça.

Entusiasmo - Na semana passada, vestido com calça, camisa e sapatos, ao lado de um computador, ele exercia com veemência a função para a qual fora destacado havia 20 anos. Com uma argumentação militante, sentado numa sala do Núcleo de Cultura Indígena, no Butantã, zona oeste de São Paulo, o xavante defendia seu povo e comentava os preparativos para mais uma batalha. Entusiasmado com o evento programado para o Parque da Independência, ele não se cansava de repetir: "Agora, quem vai contar a história são os xavantes".

"Viemos para tirar alguma coisa de boa dos brancos", diz Canãbre. A humildade com que ele comenta a experiência que vive desde os quatro anos demonstra que, por trás da afirmação, não há um sentimento revanchista, mas de necessidade de entender a cultura branca. "Aqui há pessoas muito diferentes umas das outras e muito o que aprender", prossegue. Ele está decidido a voltar para a reserva logo que concluir o curso, dentro de aproximadamente dois anos. "Acho que vou poder ajudar porque lá temos muitas doenças", disse.

Na busca por aliados, os últimos rebeldes do cerrado já receberam na aldeia o cantor Milton Nascimento, que entre 1989 e 1991 preparou o disco Txai. Em 1994, participaram das gravações do CD Etenhiritipá, com músicas xavantes e, no ano seguinte, conheceram os roqueiros do Sepultura. A última vez em que procuraram chamar a atenção para o drama da tribo ocorreu em maio. Um grupo de guerreiros dançou e cantou numa promoção do Sesc no Parque da Independência, em São Paulo. Siridiwê participou de todas essas articulações. Falando em português que deixa ao interlocutor a impressão de um sacrifício, ele acredita que a experiência à qual foi submetido "valeu a pena".

Os xavantes pertencem ao tronco linguístico jê. Os grupos linguísticos indígenas são divididos em quatro grandes troncos: aruaque (grupo do Rio Purus e parecis), tupi (guaranis, tuparis), caribe (bacairis) e jê (gavião, timbiras, caiapós, xavantes). Há ainda outras etnias que falam línguas isoladas, como os txapacura e os nhambiquaras.

EXPERIÊNCIA É BEM-SUCEDIDA, POIS UM DOS GAROTOS QUE DEIXOU A TRIBO É VICE-CACIQUE DA ALDEIA